



SENADO FEDERAL

REQUERIMENTO Nº 669, DE 2010

Requeiro, nos termos dos artigos 218, inciso VII, e 221 do Regimento Interno do Senado Federal, inserção em ata de voto de pesar pelo falecimento do romancista, jornalista, dramaturgo e poeta, **JOSÉ SARAMAGO**, aos 87 anos, ocorrido no dia 18 de junho em consequência de falência múltipla dos órgãos. O escritor estava em sua casa, em Lanzarote, nas Ilhas Canárias, bem como apresentação de condolências e homenagens à sua viúva, Pilar Del Rio; ao governo português por meio do embaixador de Portugal no Brasil, João Manoel Guerra Salgueiro, e ao editor Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras .

JUSTIFICAÇÃO

José Saramago, filho e neto de camponeses, nasceu na aldeia de Azinhaga, no dia 16 de Novembro de 1922, embora o registro oficial mencione o dia 18. Seus pais emigraram para Lisboa antes dele completar três anos de idade. Toda a sua vida decorreu na capital, embora até o princípio da idade madura tivessem sido numerosas e às vezes prolongadas as suas estadas na aldeia natal. Autodidata fez estudos secundários (*liceal e técnico*) que não pôde continuar por dificuldades econômicas.

No seu primeiro emprego foi serralheiro mecânico, tendo exercido depois diversas outras profissões: desenhista, funcionário da saúde e da previdência social, editor, tradutor, jornalista. Publicou o seu primeiro livro, um romance ("Terra do Pecado"), em 1947. Seu próximo livro só foi publicado 1966. Trabalhou durante doze anos numa editora, onde exerceu funções de direção literária e de produção. Colaborou como crítico literário na Revista "Seara Nova".

Em 1972 e 1973 foi analista político do Jornal "Diário de Lisboa" e também coordenou, durante alguns meses, o suplemento cultural. Pertenceu à primeira Direção da Associação Portuguesa de Escritores. Entre Abril e Novembro de 1975 foi *director-adjunto* do "Diário de Notícias". A partir de 1976 viveu exclusivamente do seu trabalho literário. Em 1993 se auto exilou na Espanha, pela censura sofrida por seu romance "O Evangelho Segundo Jesus Cristo".

A morte do escritor causou uma grande comoção popular em Portugal, onde um luto nacional de dois dias foi decretado em sua homenagem. Mais de 20.000 pessoas, visitaram o caixão de Saramago, exposto na prefeitura de Lisboa. Desfilaram diante dele várias personalidades, mas principalmente pessoas anônimas, muitas das quais jamais leram seus livros, mas que choravam a morte de um defensor dos oprimidos.

"Obrigado, operário das palavras, por ter se colocado a serviço dos humildes", podia ser lido no livro de ouro aberto na capela, onde havia a assinatura de inúmeras pessoas que usavam um cravo vermelho - símbolo da revolução de 25 de abril de 1974 que pôs fim à ditadura em Portugal.

José Saramago foi militante do comunismo e ganhou o prêmio Nobel de Literatura em 1998. Defendeu que Cuba tem um dos regimes mais solidários do mundo e sugeriu que Portugal deveria entregar-se à Espanha para fundar uma nova nação chamada Ibéria.

É considerado responsável pelo reconhecimento internacional da prosa em língua portuguesa. Entre suas maiores conquistas também está o Prêmio Camões, o mais importante da literatura em Portugal.

A ligação com o Brasil ficou evidente nas frequentes visitas ao país e nas amizades com o escritor Jorge Amado, com o fotógrafo Sebastião Salgado, com os músicos Caetano Veloso e Chico Buarque, com intelectuais como Alberto da Costa e Silva, membro da Academia Brasileira de Letras, com o arquiteto Oscar Niemeyer e com João Pedro Stedile.

A admiração por uma das obras do escritor levou o cineasta brasileiro Fernando Meirelles a adaptar “Ensaio sobre a cegueira”, que fala sobre uma epidemia que torna cego os habitantes de uma cidade, para o cinema.

A última publicação de Saramago foi “Caim” (2009) que é um olhar irônico sobre o Velho Testamento e também foi criticado pela Igreja. Em sua passagem por Roma, em 2009, o autor chamou o Papa Bento XVI de “cínico” e disse que a “insolência reacionária” do catolicismo precisa ser combatida com a “insolência da inteligência viva”.

Além da saudade, o escritor deixa um legado importante para literários, historiadores e fãs de suas obras. Entre tantas relíquias estão os romances “Terra do Pecado” (1947), “Manual de Pintura e Caligrafia” (1977), “Levantado do Chão” (1980), “Memorial do Convento” (1982), “O Ano da Morte de Ricardo Reis” (1984), “A Jangada de Pedra” (1986), “História do Cerco de Lisboa” (1989), “O evangelho Segundo Jesus Cristo” (1991), “Ensaio Sobre a Cegueira” (1995), “Todos os Nomes” (1997), “A Caverna” (2000), “O Homem Duplicado” (2002), “Ensaio Sobre a Lucidez” (2004), “As Intermittências da Morte” (2005) e “A Viagem do Elefante” (2008) e “Caim” (2009).

Luiz Schwarcz, da Companhia das Letras, era o editor de José Saramago no Brasil. Na manhã da sua morte Schwarcz escreveu em seu blog "**Nem sua vida nem sua morte cabem numa frase**". “Acabo de ver o escritor José Saramago morto”, começou ele.

“Quando a notícia apareceu na internet, liguei pelo skype para Pilar, que sem que eu pedisse me mostrou José deitado na cama, morto. Tenho falado com Pilar quase todos os dias. Sabia que não havia chance de recuperação, o destino de José já estava traçado, os médicos não acreditavam mais na possibilidade de um novo milagre, como o do ano passado, quando venceu, contra todas as expectativas, os problemas pulmonares que o acometiam”.

O editor fala da amizade com o autor: “Posso dizer que José Saramago era um grande amigo meu e da minha família. Quando vinha ao Brasil hospedava-se em minha casa. Ele detestava hotéis. Viu meus filhos crescerem. Fui conhecer sua casa em Lanzarote logo que se mudou com Pilar, abandonando Portugal”.

Dentre os belos poemas de Saramago está: “Na ilha por vezes habitada” .

*Na ilha por vezes habitada do que somos, há noites,
manhãs e madrugada em que não precisamos de
morrer.*

Então sabemos tudo do que foi e será.

*O mundo aparece explicado definitivamente e entra
em nós uma grande serenidade, e dizem-se as
palavras que a significam.*

*Levantamos um punhado de terra e apertamo-la nas
mãos.*

Com doçura.

*Aí se contém toda a verdade suportável: o contorno, a
vontade e os limites.*

*Podemos então dizer que somos livres, com a paz e o
sorriso de quem se reconhece e viajou à roda do
mundo infatigável, porque mordeu a alma até aos
ossos dela.*

Libertemos devagar a terra onde acontecem milagres

como a água, a pedra e a raiz.

Cada um de nós é por enquanto a vida.

Isso nos baste.

Em um dos seus últimos “post” no seu blog ele escreveu “ *Acho que na sociedade actual nos falta filosofia. Filosofia como espaço, lugar, método de reflexão, que pode não ter um objectivo determinado, como a ciência, que avança para satisfazer objectivos. Falta-nos reflexão, pensar, precisamos do trabalho de pensar, e parece-me que, sem ideias, nao vamos a parte nenhuma*”.

Disse José Saramago sobre o sentido de sua vida: “*Mesmo que a rota da minha vida me conduza a uma estrela, nem por isso fui dispensado de percorrer os caminhos do mundo*”.

Sala das Sessões, em 24 de junho de 2010.

Senador **EDUARDO MATARAZZO SUPPLY**

Senador **ROMEU TUMA**

Publicado no **DSF**, em 25/06/2010.